



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de implantação do Projeto de Expansão das Universidades  
Federais no estado de Sergipe**

**Itabaiana-SE, 15 de março de 2006**

Meus queridos cidadãos e cidadãs de Itabaiana, no estado de Sergipe,  
Meus queridos companheiros e companheiras do sertão do Sergipe, que  
vieram aqui com as suas faixas,

Eu vou pedir permissão aos meus companheiros para não precisar  
repetir aqui o nome de cada autoridade, porque todos já foram citados pelo  
menos três vezes, e se eu citar mais uma vez eles vão ficar mais conhecidos  
do que eu.

Eu queria agradecer. Tem um companheiro que não foi citado, porque  
no Brasil é assim, quando você é autoridade, você é lembrado, quando você  
não é, você não é mais lembrado. Eu digo sempre que político sem mandato  
nem vento bate nas costas. Mas eu tenho certeza de que a classe política de  
Sergipe concorda comigo de que o nosso companheiro José Eduardo Dutra,  
quando esteve no Senado, e o nosso companheiro Valadares é testemunha, o  
companheiro José Eduardo dignificou, e muito, o nome, não de Sergipe, mas  
da política nacional. E como presidente da Petrobras, ele demonstrou uma  
competência extraordinária, porque quando ele entrou a Petrobras tinha um  
valor patrimonial, me parece que de 14 ou 17 bilhões de dólares. E hoje a  
Petrobras está com um valor patrimonial de 74 bilhões de dólares. E agora, no  
dia 21 de abril, nós vamos atingir a nossa auto-suficiência.

Eu, aqui, queria fazer uma explicação porque de vez em quando, no  
Brasil, as pessoas transformam a grandeza da política numa coisa pequena.  
Muita gente, eu já li jornais daqui que criticaram o José Eduardo dizendo que



ele era presidente da Petrobras e a refinaria não veio para cá. Primeiro, porque a refinaria não dependia da Petrobras, a refinaria dependia de uma parceria com outro país, que ia colocar 50% do dinheiro da refinaria, porque a Petrobras sozinha não tinha o recurso para fazer e a gente teve que modernizar a refinaria de Campinas, a refinaria do Rio de Janeiro, a refinaria do Paraná e a refinaria do Rio Grande do Sul. São 4 bilhões de investimentos nessas quatro. E aí a PDVSA, uma empresa venezuelana, resolveu fazer uma parceria com a Petrobras e fazer um consórcio para construir uma refinaria.

E qual era a condição que a Venezuela colocava para nós? É que eles gostariam de fazer a refinaria em Pernambuco, porque o general Abreu e Lima tinha sido amigo do general Bolívar e, portanto, ele queria prestar uma homenagem a um general brasileiro que tinha sido herói na Bolívia, construindo uma refinaria e dando o nome de Abreu e Lima.

Eu quero dizer que esta obra, ela vai ser uma obra demorada, é uma obra de vulto. Ela vai demorar alguns anos. E, obviamente, se dependesse do Valadares, ela vinha para Sergipe; se dependesse do José Eduardo, ela vinha para Sergipe; se dependesse de um deputado de São Paulo, ela ia para São Paulo; se dependesse de um deputado do Rio de Janeiro, ia para o Rio de Janeiro, e ela foi para Pernambuco, não só porque Pernambuco tem a estrutura e tem o Porto de Suape, mas porque havia uma disposição nossa de atender a um pleito de um sócio nosso que queria levá-la para lá. Mas eu quero dizer que o José Eduardo foi um grande companheiro na Petrobras e eu acho que os futuros dirigentes haverão de lembrar dele.

Eu quero agradecer à nossa bancada, eu quero agradecer à bancada de deputados federais e ao nosso senador porque vocês sabem que eu fui eleito Presidente da República... de 81 senadores eu só tenho 14, eu preciso fazer aliança com outros. De 513 deputados eu tinha, o meu partido, apenas 90; era preciso fazer alianças com outros partidos políticos. Eu quero aqui, de público, agradecer a esta bancada que está aqui, de vários partidos políticos, que em



nenhum momento deixou de contribuir para que nós aprovássemos as coisas necessárias ao Brasil no Congresso Nacional.

Quero agradecer aos prefeitos aqui presentes. Eu estou sabendo, Prefeito de Glória, prefeitos de outros... que nós, certamente... seria deselegante de minha parte dizer aqui que eu agora vou levar uma extensão universitária para qualquer cidade e para todas que reivindicaram.

Eu sei da importância de Glória, sei da importância de Lagarto, sei da importância de outras cidades. Agora, só este ano estamos fazendo 42 extensões. Primeiro nós vamos ter que acabar esta, colocar os nossos jovens na escola, a nossa juventude, para depois a gente começar outra “leva” para o ano que vem. A idéia fundamental é levar a extensão universitária para todo o interior do Brasil, para que a nossa juventude não tenha que sair da sua cidade do interior e ir para a capital ou ir para São Paulo, para o Rio, para Belo Horizonte, para Salvador, para Recife, para Aracajú. Não, é preciso que ao invés de o estudante ficar percorrendo o Brasil atrás da universidade, a universidade é que tem que ir onde está a necessidade, onde estão as pessoas com vontade de estudar.

Então, prefeitos, fiquem tranquilos, que nós vamos fazer. Agora vai ter o vestibular, vão começar as aulas. A idéia, Fernando Haddad, se eu não me engano, é que quando estiver tudo concluído nós tenhamos 2 mil alunos estudando aqui, o que passa a ser uma coisa extraordinária. Por que é importante uma extensão universitária? Na hora que chega à universidade, vem junto com ela parte da inteligência do Brasil, os nossos doutores, os nossos professores. Junto com ela vem um grupo de funcionários, vêm os alunos e aí a cidade começa a crescer. Algum investidor, na hora que começar a pensar em investir no estado de Sergipe, vai pensar: onde é que tem mão-de-obra qualificada? Onde é que tem gente estudando? Onde é que tem os cursos que eu necessito? E aí, os investidores dessas empresas vão procurar ou a cidade, ou a localidade próxima para que os investimentos comecem a



acontecer. Portanto, essa universidade de Itabaiana significa aumentar o potencial de desenvolvimento desta cidade, aumentar a geração de riqueza e de emprego nesta região. Mas não é apenas isso.

Eu quero aproveitar o nosso querido Magnífico Reitor aqui desta cidade, professor Josué, para dizer o seguinte: no Brasil, presidente da República não recebia reitor, Valadares – você que é um político experimentado – presidente da República não recebiam reitor. Reitor parecia uma coisa ruim que os presidentes que recebessem, recebiam individualmente. Um era difícil, dois era impossível, três nem pensar. Receber todos juntos era humanamente impossível. Não tem nos anais do Palácio do Planalto nenhum momento da história em que o presidente da República recebeu todos os reitores.

Pois bem, eu recebi todos em 2003, recebi todos em 2004, recebi todos em 2005, vou receber todos em 2006 e não falta nenhum pedaço. Este dedo que eu perdi não foram os reitores, isso foi numa metalúrgica, em 1963. E o que nós estamos construindo juntos? Nós estamos construindo juntos a nova lógica da reforma universitária, que não é um projeto do governo federal, não é um projeto do Presidente ou do Ministro da Educação, é um projeto da sociedade brasileira.

Eu vi aqui um menino com a bandeira da UNE. A UNE teve uma participação extraordinária na construção da proposta, junto com os reitores, junto com a Andifes, junto com todas as entidades de professores deste país, porque o projeto que vai para o Congresso não é um projeto meu, é um projeto que a sociedade brasileira universitária organizou e agora vamos depositar nas mãos dos deputados e dos senadores para que eles possam votar e aprovar para dar autonomia para as universidades. Eu não tenho dúvida nenhuma de que será um avanço extraordinário.

Mas não estamos pensando apenas no ensino universitário. Nós temos, no Congresso Nacional – já foi votado na Câmara, falta ser votado no Senado – o Fundeb, Fundo Nacional da Educação Básica, onde nós vamos aportar, a



partir de 2008, 4 bilhões e 300 milhões de reais a mais na educação, para que a gente possa dar oportunidade ao Norte e ao Nordeste do país de terem a mesma oportunidade que a região Sul e Sudeste do nosso país.

Eu sou nordestino, mas tudo que eu tenho na minha vida eu devo ao Sul do país, a São Paulo. Foi lá que eu me casei, foi lá que eu tive meus filhos, foi lá que eu aprendi uma profissão, tudo o mais. Agora, não é porque eu tive sorte lá que eu vou me esquecer de onde eu vim, como é que vive o meu povo e como é que vive a minha gente. Portanto, a cada investimento que nós fizermos no Nordeste brasileiro, nós não estaremos fazendo favor, nós apenas estaremos resgatando uma dívida histórica de muito dinheiro que foi aplicado em outras regiões. O Nordeste foi ficando para trás e agora não tem jeito. Eu tenho consciência que, como nordestino, ou nós arrumamos o Nordeste ou outras pessoas não vão querer arrumar o Nordeste brasileiro.

E mais, não é apenas o Fundeb. Em 2004, nós tivemos problemas em vários estados do Nordeste, e se nós não tivéssemos criado um Fundebinho e colocado, entre 2004 e 2005, 400 milhões de reais, as crianças não teriam se formado no 1º grau e não teriam condições de fazer o 2º grau. Nós criamos o Fundebinho, demos dinheiro para nove estados do Nordeste brasileiro, conseguimos alavancar o 2º grau e, agora, nós queremos definir um padrão de educação de qualidade.

Por isso, também, pensamos nas crianças. Este ano eu sancionei uma lei, que foi aprovada pelo Congresso, aumentando de oito para nove anos a permanência das crianças nas escolas, para que as crianças possam aprender mais. Como é que era no Brasil, antigamente? Uma criança que tinha um poder aquisitivo razoável, que a mãe tinha um poder aquisitivo, ou tinha uma prefeitura em que tinha uma boa educação, essa criança podia fazer uma pré-escola com seis anos de idade. E outra criança pobre, que não tinha condições, não podia. Acontece que quando uma criança entrava na escola com sete anos, já com um ano de escolaridade e a outra entrava com sete



anos, sem nenhum dia de escolaridade, logicamente que você ia ter uma criança mais adiantada e uma criança mais atrasada. Ora, o que nós estamos fazendo? Nós estamos querendo dar oportunidade para tornar iguais o filho do pobre e o filho do rico. Todos entrarão na escola aos seis anos de idade e todos vão aprender em igualdade, porque Paulo Freire dizia: “não tem ninguém burro no mundo, não tem ninguém que não seja inteligente, é dar comida e oportunidade que todo mundo vai em frente e vence na vida”. Mas também não é apenas isso que nós estamos fazendo.

O ensino técnico, vocês sabem que no Brasil, desde 1998, não se investia em escola técnica, porque entendia o governo que escola técnica e curso profissionalizante, deveria ser feito sob a coordenação das prefeituras ou do estado e, portanto, o governo federal não ia fazer. Era preciso fazer convênio. Ora! Nós temos como responsabilidade da União o ensino técnico, então, nós não podemos abrir mão. Nós estamos fazendo nesse momento, nós começamos fazendo 32 escolas técnicas, já passou para 42 e, até junho, há uma expectativa de inaugurarmos 25 novas escolas técnicas neste país e aqui, no estado de Sergipe, como disse o nosso Ministro da Educação, duas.

Para quê? Para que o nosso jovem... eu estou vendo aqui os companheiros trabalhadores rurais, com o seu chapeuzinho na cabeça. É preciso que a gente tenha não apenas curso de desenho, de engenharia, curso técnico num monte de coisa, mas cursos técnicos na área da agricultura para que a gente possa dinamizar ainda mais a produção da agricultura familiar neste país. E nós vamos assumir a responsabilidade. Queremos partilhar como o governo do estado, com prefeitos, com a comunidade, por que sabe o que acontece? Eu já aprendi também, em três anos de governo, aliás eu já tinha aprendido na vida: você vê uma criança feia na rua, ninguém quer ser pai; se é bonitinha, tem 500 pais.

Programa de governo quando dá certo, todo mundo é o criador, quando dá errado ninguém assume a responsabilidade. Eu, na minha vida, criei cinco



filhos sem negar a responsabilidade em nenhum momento e, como presidente da República, aquilo que a gente fizer de bom a gente assume e aquilo que a gente não fizer a gente tem que ter coragem de assumir também. Então, esta extensão universitária nós agradecemos: olha, isto aqui foi uma coisa feita pelo Collor. E muitos lugares não foram utilizados, mas nós vamos reformular para que possam atender corretamente à população, afinal de contas, isso aqui foi construído com dinheiro do trabalhador brasileiro, então nós precisamos utilizar corretamente.

Então, a Prefeita nos cedeu isso para que a gente pudesse fazer. O governador nos deu o terreno aí do lado, maravilha. Eu, como Presidente da República, não quero saber para que time torce o governador, o prefeito, de que partido são, de que religião são. Eu quero saber que entre a divergência minha e de um prefeito, ou minha e de um governador, tem o povo brasileiro que quer de nós o melhor, ele não quer saber de quem é, ele quer saber se a gente está cuidando do Brasil corretamente, se está cuidando da cidade corretamente, se está cuidando do estado corretamente. Vocês nunca me viram, nesses 36 meses, falar mal de um prefeito ou de um governador. Nunca. Eu duvido que tenha uma nota num jornal, eu falando mal de um governador ou de um prefeito. E não vou falar. Eu não fui eleito para falar mal deles, eu fui eleito para provar que os trabalhadores têm condições de governar este país.

Então veja, eu venho aqui e vejo a alegria de vocês, a alegria da Prefeita, a alegria da Governadora, é isso que o Brasil precisa. O Brasil precisa que os governantes façam aquilo que precisa ser feito, deixem de divergências, deixem de xingatórios, deixem de acusações falsas, que depois não se prova nada. O povo quer saber o que as pessoas estão fazendo, o povo quer saber se a carne está mais barata, se o arroz está mais barato, o povo quer saber se o aluguel está mais barato. É isso que o povo quer saber. E é isso que nós temos que fazer.

Eu tenho mais nove meses de mandato. Eu tenho dito o seguinte: eu só



quero ser julgado quando eu tiver terminando o meu mandato. Eu quero que meçam o que eu fiz por este país e o que os outros que vieram antes de mim fizeram, para a gente ver quem fez o quê neste país.

Quero dizer aos companheiros de Jacaré e Curitiba, que eu já anotei e vou chegar lá, falar com o ministro Ciro Gomes, e ver o que está acontecendo nessa área, para a gente tentar resolver esse problema porque também no Brasil, muitas vezes, é um empurra-empurra que a gente não agüenta mais. É um empurra-empurra. Então, é preciso que a gente dê um fim nisso, é preciso. Cada um de nós foi eleito deputado, senador, presidente da República, prefeito, nós fomos eleitos para fazer as coisas, temos que fazer.

E eu quero dizer para vocês: eu sempre disse que educação era uma prioridade. E era uma prioridade porque, possivelmente, eu não tive a oportunidade de fazer uma universidade. Não pensem que eu tenho orgulho disso, não. Eu não tenho orgulho de não ter universidade. Eu gostaria de ter feito uma universidade. E eu quero que vocês tenham, hoje, a oportunidade que eu não tive 20 anos atrás. Por isso nós criamos o ProUni, que em apenas 12 meses colocou 203 mil jovens da periferia na universidade, dos quais 30% negros. As pessoas não acreditavam.

Hoje, eu fui com o ministro Alfredo inaugurar, fomos visitar as obras do contorno da 101, uma obra que estava prometida neste estado há mais de oito anos. E eu tive o prazer e a alegria de abraçar um menino e ele me dizer: “Presidente, eu sou um felizardo do ProUni, se não fosse o ProUni eu não tinha entrado na universidade brasileira”. Na cidade de Maruim, está me dizendo o Déda, aqui.

Então, gente, eu saio daqui mais feliz do que cheguei, saio daqui com a camisa do pentacampeão do estado de Sergipe, saio daqui com a gratificação de ter ganho o bonezinho azul da Universidade Federal de Sergipe, saio daqui com a alegria de ver estampado no rosto dessas mulheres, no rosto desses homens, no rosto dos nossos estudantes essa alegria, esse prazer de perceber





que um sonho está se tornando realidade. Saio daqui com o prazer de ter encontrado os companheiros do movimento social, do Movimento Sem-Terra, que a gente não nega que, em muitos anos de batalhas, muitas vezes nós temos pontos de vista diferentes, mas nas nossas divergências a gente sabe diferenciar quem é o adversário comum, quem é que nós queremos vencer e o que nós queremos construir.

Quero agradecer de coração aos companheiros da UNE, porque os nossos jovens da UNE têm dado um trabalho extraordinário de colaboração e, sobretudo, num projeto extraordinário que é o Projeto Rondon, de jovens brasileiros que estão percorrendo o Brasil para aprender e para ensinar.

Quero dizer a vocês que tenho orgulho cada vez que eu fico sabendo da notícia de que uma dona de casa, no interior deste país, acendeu um bico de luz. Mulher que estava vivendo há anos sem ter um bico de luz. E o programa Luz para Todos é um programa que o governo federal pensou, porque quando chega... eu vivi na base do candeeiro até os sete anos idade, eu vi a minha mãe... e era uma candeeiro feito de uma latinha com um paviozinho daquele vagabundo, feito de corda. Eu sei o que é o trabalho de uma mulher cuidar das crianças, cuidar da janta com candeeiro. Então, nós vamos levar, até 2008, luz para todos os brasileiros que não têm luz neste país. Chega a luz e, logo, logo chega uma geladeirazinha, uma casa de farinha, uma coisinha aqui, uma coisinha ali. É o progresso chegando na vida das pessoas mais pobres.

Quero dizer aos companheiros trabalhadores rurais do meu orgulho. Quando ganhamos o governo, o Pronaf... os gerentes do Banco do Brasil tinham desaprendido a atender pobre. Não era nem maldade, era falta de orientação. Veja, eu tomei posse em janeiro, eu só fui descobrir isso em outubro de 2003. Pois bem, fizemos um processo de curso de formação e, hoje, o Pronaf que tinha 900 mil contratos, nós vamos terminar este ano com 2 milhões de contratos neste país. O Pronaf, que era uma coisa basicamente para o Sul do país, hoje é para o Norte e para o Nordeste brasileiro. Eu não



tenho os números aqui, mas eu duvido que em algum momento da história de Sergipe teve tanto trabalhador rural fazendo contrato do Pronaf como está agora, duvido, sem conhecer os números.

Quero dizer para vocês, o projeto Bolsa Família, e esse dado é muito importante, mas por ser importante não deve estar aqui na minha papelada. Esse dado que eu vou dizer para vocês é muito importante. Eu vou dar o número aqui, César Alvarez, o Bolsa Família aqui, são 154 mil pessoas. Em Aracaju são 24 mil e 700 pessoas que recebem o Bolsa Família e aqui, em Itabaiana, 8 mil e 200. O Bolsa Família não é a salvação da lavoura, eu nunca disse isso. Eu disse que o Bolsa Família é aquele primeiro estender de mãos que a gente dá para um companheiro mais necessitado. Mas o ideal é a gente gerar emprego, é a gente concluir a reforma agrária, é a gente fazer com que as pessoas possam viver às custas do seu trabalho.

Por isso, meus companheiros, eu saio daqui agora... o Zé do Rádio está aqui. O Zé do Rádio não pode me ver que fica pedindo uma coisa a mais. Ele passou 8 meses na porta do Palácio do Planalto querendo a anistia dele. Foi dada a anistia para ele e para mais 600. Só do Correio, nós anistiamos mais de 2 mil trabalhadores que tinham sido mandados embora na greve do Correios há muitos anos. Hoje, vamos anunciar, ou amanhã de manhã, a recuperação dos mata-mosquito, aqueles que em 1998 foram mandados embora também.

Nós estamos, com o tempo, recuperando. Já contratamos 60 mil novos servidores públicos, estamos acabando com a terceirização em vários lugares, para a gente dotar a máquina pública, uma máquina pública profissional, que seja do PT, do PFL, do PMDB, do PSDB, de qualquer partido político. A máquina pública tem que funcionar, e ela tem que funcionar para atender ao povo.

Finalmente chegou o número exato. Aqui no estado de Sergipe, são 154 mil e 800 famílias que recebem o Bolsa Família. Ou seja, nós passamos, por ano para o estado, 120 milhões de reais para cuidar do pobre deste estado.



Quero me despedir de vocês dizendo seguinte: eu tenho 60 anos, aqui eu estou vendo muita gente de 18, 19, eu quero que vocês sintam, e vocês vão ser testemunhas do significado desse ato de hoje daqui a dez anos. Daqui a dez anos todos vocês estarão com 30, 35, 28, eu já estarei com a chuteira pendurada, torcendo por vocês. Mas eu não tenho dúvida nenhuma de que cada tijolo que a gente colocar para erguer uma escola, seja no ensino fundamental, seja numa universidade ou numa escola técnica, cada tijolo que a gente colocar numa escola, será um tijolo a menos que nós vamos colocar numa cadeia. Cada tijolo a mais que nós colocarmos numa escola estaremos dizendo ao cidadão do Brasil que ele vai poder ganhar um pouco mais porque vai ter uma profissão e ele vai valorizar. Cada tijolo que a gente colocar a mais numa escola, seja fundamental ou na universidade, nós estaremos dizendo ao mundo: Esperem. Durante muito tempo o Brasil não se respeitou; durante muito tempo o Brasil foi exportador de matéria-prima ou de grãos mas, a partir de agora, nós estamos nos preparando para exportar a coisa mais sagrada que um país pode exportar, que é a sua inteligência, o seu conhecimento, esse é o maior valor agregado que um país pode exportar.

E isso eu quero deixar claro, esta escola, esta universidade em que estamos aqui não é obra só do Presidente, da Prefeita, do Governador, do Déda, dos deputados. Esta obra é, sobretudo, a capacidade de vocês, desses companheiros de Glória que vieram aqui com uma faixa: “Glória também precisa.” É isso que eu quero que vocês façam. Eu nunca pedi, e eu duvido que alguém possa dizer que eu já reclamei de alguém reivindicando, nunca, porque eu nasci na vida aprendendo a reivindicar. Não vou reclamar nunca. Agora, o que eu quero é que vocês reivindiquem porque governante, neste país, pode ser bom, mas ele será muito melhor se o povo estiver no calcanhar dele cobrando para ele ser melhor ainda.

Muito obrigado, que Deus abençoe a todos vocês e boa sorte.